

JOHN BANVILLE

LUZ ANTIGA

Tradução de José Vieira de Lima

In memoriam
Caroline Walsh

*O Botão está em flor. A Lama é Castanha.
Sinto-me com tanta força como uma Pulga. as coisas podem correr mal.*

Catherine Cleave, em criança.

I

Billy Gray era o meu melhor amigo e eu perdi-me de amores pela mãe dele. «Amor» é capaz de ser uma palavra demasiado forte, mas não conheço nenhuma mais fraca que sirva. Tudo isto aconteceu há meio século. Eu tinha quinze anos e Mrs. Gray trinta e cinco. Estas coisas são fáceis de dizer, visto que as palavras não sentem vergonha e são imunes à surpresa. Se calhar, ela ainda é viva. Teria... quê?, oitenta e três, oitenta e quatro? Nada de especial nos tempos que correm. E se eu tentasse encontrá-la? Isso é que seria uma grande façanha. Gostaria de estar de novo apaixonado, gostaria de voltar a apaixonar-me, só mais uma vez. Podíamos fazer um tratamento à base de injeções de glândulas de macaco, ela e eu, e ficávamos como há cinquenta anos, rendidos a êxtases passionais. Pergunto-me como é que ela estará, quer dizer, partindo do princípio de que ainda habita este mundo. Ela era tão infeliz naquela época, só pode ter sido infeliz, apesar da sua corajosa e persistente boa disposição, e espero do fundo do coração que as coisas tenham melhorado.

Que recordações tenho eu dela, nestes suaves dias pálidos com que o ano finda? Imagens do passado longínquo amontoam-se na minha cabeça e, metade do tempo, mal distingo as memórias das invenções. Não que haja grande diferença entre elas – se é que há realmente alguma diferença. Há quem diga que, sem nos darmos

conta, inventamos tudo à medida que avançamos, que estamos sempre a enfeitar e a embelezar, e eu sinto-me inclinado a concordar, pois a Senhora Dona Memória é uma grande e subtil fingidora. Quando olho para trás, tudo se torna fluido, sem princípio e correndo para nenhum fim, ou pelo menos nenhum que eu venha a viver, exceto como um derradeiro ponto final. Os destroços que eu opto por salvar do naufrágio geral – e o que é a vida senão um naufrágio gradual? – podem até ganhar um ar de inevitabilidade quando os ponho em exibição nas suas vitrinas, mas são aleatórios; representativos, talvez, e talvez até de uma forma impositiva, mas, não obstante, aleatórios.

Para mim, houve duas manifestações iniciais e distintas de Mrs. Gray, separadas por anos. A primeira mulher pode até nem ter sido definitivamente ela, pode ter sido apenas uma anunciação dela, por assim dizer, mas agrada-me pensar que as duas eram uma só. Abril, claro. Lembra-se de como era o mês de abril quando éramos novos, aquela sensação de agitação líquida e o vento a atirar colheradas azuis da sopa do ar e os pássaros fora de si nas árvores em flor? Eu tinha dez ou onze anos. Acabara de entrar pelos portões do adro da Igreja de Maria Nossa Mãe Imaculada, a cabeça baixa como sempre – Lydia diz que eu caminho como um penitente permanente – e a primeira aparição que tive da mulher na bicicleta foi um chiar de pneus, um som que em rapaz eu achava excitantemente erótico, e que, ainda hoje, acho. A igreja ficava numa elevação, e quando ergui os olhos e a vi aproximar-se, com o campanário erguendo-se saliente atrás dela, pareceu-me – que emoção – que Mrs. Gray descera do céu nesse preciso momento, e que aquilo que eu tinha ouvido não era o som de pneus no asfalto, mas de asas rápidas açoitando o ar. Ela estava quase ao pé de mim, com a bicicleta em roda livre, descontraidamente inclinada para trás, guiando apenas com uma mão. Vestia uma gabardina, cujas abas adejavam para a direita e para a esquerda como, sim, como asas, e uma camisola azul com capuz sobre uma blusa com um colarinho branco. Com que nitidez a vejo! Devo estar a inventá-la, quer dizer, devo estar a inventar estes pormenores. A saia dela era larga e folgada, e, de repente, o vento primaveril apoderou-se dela e levantou-a, deixando Mrs. Gray nua até à cintura. Ah, sim.

Nos tempos que correm, asseguram-nos que quase não há diferença na forma como os sexos experienciam o mundo, mas aposto sem a menor hesitação que nunca nenhuma mulher sentiu a inundação de vicioso deleite que invade as veias de um indivíduo do sexo masculino de qualquer idade, desde o bebé que está a aprender a andar até ao nonagenário, perante o espetáculo das partes pudibundas femininas, como singularmente lhes chamavam em tempos, expostas por um mero acaso, que o mesmo é dizer fortuitamente, a um súbito escrutínio público. Ao contrário do que pensam as mulheres (e, imagino eu, para sua grande decepção), não é a súbita visão da carne em si que deixa os homens pregados ao chão, as bocas repentinamente secas e os olhos fora das órbitas, mas sim o relancear daquelas frioleiras de seda que são as últimas barreiras entre a nudez de uma mulher e o nosso olhar fixo e esbugalhado. Não faz sentido, eu sei, mas, se numa praia apinhada, num dia de verão, os fatos de banho das banhistas, por algum passe de magia negra, se transformassem em roupa interior, todos os homens presentes, desde os miúdos nus de barrigas salientes e pilas à mostra aos ociosos e musculados nadadores-salvadores, passando mesmo pelos maridos submissos com as bainhas das calças enroladas e lenços com quatro nós nas cabeças, todos eles, dizia eu, sofreriam nesse mesmo instante uma imensa transformação, formando uma alcateia de sátiros com os olhos raia-dos de sangue, prontos para a rapina.

Estou a pensar em particular naqueles dias de antanho em que eu era novo e as mulheres, sob os seus vestidos – e que mulher não usava um vestido, tirando a rara rapariga que praticava golfe ou a estrela de cinema desmancha-prazeres que preferia umas calças largas pregueadas? –, poderiam ser equipadas por um vendedor de artigos navais, com todos os tipos e formas de cordame e velas, bujarronas e draivas e estais e um variado sortido de tecidos finos e transparentes. A Minha Senhora da Bicicleta, agora, com as ligas bem esticadas e as cuequinhas de cetim pérola, tinha todo o vigor e graça de uma apumada escuna bolinando destemidamente contra o inflexível vento de noroeste. Parecia tão espantada como eu com o que a brisa fazia ao seu decoro. Olhou para baixo, para si mesma, e depois olhou para mim e ergueu as sobrancelhas e fez um O com a boca e

soltou um riso gorgolejado e, com uma descontraída varredela das costas da mão que tinha livre, assentou a saia sobre os joelhos e zarpou alegremente, deixando-me para trás. Achei que tinha tido uma visão da própria deusa, mas, quando me virei para a apreciar, vi que ela não passava de uma mulher que seguia o seu caminho numa grande e ruidosa bicicleta preta, uma mulher com aquelas coisas parecidas com dragonas nos ombros do casaco que então estavam na moda, e as costuras tortas das meias de *nylon*, e um penteado com muita laca, que lhe emoldurava o rosto, como o da minha mãe. Abrandou prudentemente no fim da rua, a roda da frente vacilante, e fez o trrim-trrim com a campainha antes de avançar e virar à esquerda para a Church Road.

Eu não a conhecia, e tanto quanto sabia nunca a tinha visto, tanto quanto sabia, embora me parecesse possível que, por essa altura, eu já tivesse visto toda a gente da nossa vila pelo menos uma vez. E teria de facto voltado a vê-la? É possível que ela fosse realmente Mrs. Gray, a mesma que, quatro ou cinco anos mais tarde, irromperia de uma forma tão significativa na minha vida? Não consigo evocar com clareza os traços da mulher na bicicleta para dizer com segurança se ela foi ou não uma aparição precoce da minha *Vénus Doméstica*, se bem que me agarre a essa possibilidade com grande afinco.

Aquilo que me afetou tão profundamente nesse encontro no adro da igreja, para além da crua excitação da cena, foi a sensação de me ter sido concedido um vislumbre do mundo da feminilidade em si mesma, ou de me ter sido aberta a porta, ainda que por alguns segundos, do grande segredo. O que me excitou e encantou não foi apenas a visão que tive das elegantes pernas daquela mulher e das suas roupas interiores fascinantemente complicadas, mas também o modo simples, divertido e generoso com que ela me olhou, soltando um riso gutural, e a graça negligente e ambígua com que ajeitou a saia que o vento agitava. Esta deve ser mais uma razão para, na minha cabeça, ela ter acabado por se confundir com Mrs. Gray, porque ela e Mrs. Gray são, para mim, as duas faces da mesma preciosa moeda, pois a graça e a generosidade eram as coisas que eu mais apreciava, ou deveria ter apreciado, na primeira, e, como por vezes deslealmente penso – desculpa, Lydia –, única verdadeira paixão da minha